



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • [seer.ufrgs.br/NauLiteraria](http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria)

ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan/jun 2014

**Dossiê: Teorias do Processo Criativo**

## A ruína em *Fim de Partida*: Samuel Beckett e Tatiana Blass

Viviane Baschiroto\*

**Resumo:** Este artigo propõe-se a pensar as relações que permeiam a peça de Samuel Beckett, escrita em 1957 e a encenação da peça nas artes visuais pela artista Tatiana Blass em 2011 no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro. O universo que permeia a peça de Beckett e que Tatiana Blass representa é o fim da vida de seus personagens. O fim da vida pode ser traduzido também como a morte, aquilo que é inelutável ao homem, sua ruína.

**Palavras-chave:** Fim de Partida; Tatiana Blass; Samuel Beckett; Ruína.

**Abstract:** This article proposes to think the relationships that permeate the play by Samuel Beckett, written in 1957 and the staging of the play in the visual arts by artist Tatiana Blass in 2011 the Bank of Brazil Cultural Center in Rio de Janeiro. What permeates Beckett play and Tatiana Blass is the end of life of his characters. The end of life can also be translated as death, it is inevitable to man, his ruin.

**Keywords:** Endgame; Tatiana Blass; Samuel Beckett; Ruin.

*O fim está no começo e no entanto continua-se.*  
Samuel Beckett

### 1 *Fim de Partida* de Beckett

Samuel Beckett nasceu em 13/04/1906 em Dublin, na Irlanda, e faleceu em 22/12/1989 em Paris, na França. Graduado em Literatura, escritor amplamente reconhecido, um dos nomes centrais do modernismo europeu. Em 1928 muda-se para Paris para lecionar e conhece James Joyce, uma importante referência. Possuía um rigor na montagem de suas peças, dificilmente negociava mudança com os atores. Entre todas as peças e novelas que escreveu, destacam-se *Molloy*, *Malone morre*, que enfocava a solidão do homem, e também *O inominável*, que lhe valeram o Nobel de Literatura em 1969. *Fim de Partida* é do ano de 1957, e é mais um de seus textos que exibem as falhas e os fracassos do ser humano.

Na peça *Fim de Partida* quatro personagens encontram-se no interior de uma casa. Hamm, personagem central, é cego, possui problemas de locomoção, está sentado em uma cadeira no centro do palco. Clov, empregado de Hamm, demonstra ao longo do texto que também sofre com problemas da velhice, contracenando com uma escada, que desloca para vários lados e transita entre a sala e a cozinha. Nagg, pai de Hamm, e Nell, mãe de Hamm, estão

\* Mestranda na área de Teoria e História das Artes Visuais no PPGAV - UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina.

alojados em dois latões ora cobertos, ora abertos, e os dois personagens foram mutilados pela guerra. Poucos elementos compõem o espaço, que conta ainda com um cachorro de três patas, que Clov estava fazendo para Hamm, mas que este prefere não esperar seu término para tê-lo em suas mãos.

A peça de Beckett possui diálogos principalmente entre Hamm e Clov, onde o fim da vida é lembrado com frequência. São diálogos que permeiam a morte de uma vizinha, lembram o estado de saúde das personagens, contam histórias de suas lembranças dentro do cotidiano enfadonho e repetitivo que se mostra a sala da casa de Hamm. “Hamm: Você não está cheio disso? Clov: Estou! Do quê? Hamm: Desse...dessa...disso. Clov: Desde sempre.” (BECKETT, 2010, p.41). Estar cheio dessa vida, desse cotidiano, de pedir repetidamente à Clov seu remédio e não o obter são sempre as queixas de Hamm. A peça retrata o fim da vida encenado de forma repetitiva. Fábio de Souza Andrade faz a tradução e apresentação da edição de *Fim de Partida* de 2010 e afirma:

As personagens de *Fim de Partida* estão às voltas com a tarefa de acabar de existir, virtualmente infinita e de conclusão impossível. O cenário é um interior cinzento, austero, batizado de abrigo, em que seus quatro habitantes vivem como se fossem os últimos sobreviventes de uma humanidade devastada, últimos resquícios de uma natureza que se esgota. A proximidade enganosa do fim está não apenas na escassez de meios – tudo na peça (remédios, provisões, bicicletas) está se acabando – mas também na decrepitude física dos personagens (um cego paralítico, um coxo, dois mutilados) e na rotina vazia que custa a preencher o tempo da espera, completamente desprovido de esperança.

(ANDRADE, 2010, p. 14-15)

A peça possui uma melancolia na existência dos personagens que lentamente esperam por sua morte, sua ruína. Hamm vê o fim da vida aproximando-se, e em uma cena com Clov pergunta-lhe a respeito de como está sua visão e sua locomoção, ao passo que Clov responde com um: “Vou e venho” (BECKETT, 2010, p.77), Hamm o responde então:

Um dia você ficará cego, como eu. Estará sentado num lugar qualquer, pequeno ponto perdido no nada, para sempre, no escuro, como eu. Um dia você dirá, estou cansado, vou me sentar, e sentará. Então você dirá, tenho fome, vou me levantar e conseguir o que comer. Mas você não levantará. E você dirá, fiz mal em sentar, mas já que sentei, ficarei sentado mais um pouco, depois levanto e busco o que comer. Mas você não levantará e nem conseguirá o que comer. Ficará um tempo olhando a parede, então você dirá, vou fechar os olhos, cochilar talvez, depois vou me sentir melhor, e você os fechará. E quando reabrir os olhos não haverá mais parede. Estará rodeado pelo vazio do infinito, nem todos os mortos de todos os tempos, ainda que ressuscitassem, o preencheriam, e então você será como um pedregulho perdido na estepe.

(BECKETT, 2010, p. 77-78)

Neste trecho Hamm descreve sua cegueira, como uma vasta escuridão. Como lhe parece ser os dias, cansado de todos os afazeres, desgostoso das atividades banais do cotidiano. O corpo cansado chegará a um momento onde se encontrará perdido na imensidão, no nada, como na estepe, uma região de vasta planície da Rússia. O ambiente acinzentado e as

condições do tempo e da natureza descritos por Clov trazem ainda mais a certeza de um ambiente de melancolia, solidão e agruras em que vivem as personagens. “Clov: Como tudo está? Em uma palavra? É isso que quer saber? Só um segundo. (Dirige a luneta para o exterior, olha, abaixa a luneta, volta-se para Hamm) Cadavérico.” (BECKETT, 2010, p.70). As personagens encontram-se como na descrição anterior de Hamm a respeito de sua cegueira, perdidos no meio da estepe, como se a região onde moram não possuísse muitos habitantes. Vivem isolados em uma casa com poucas janelas, onde o interior entra em contato com o exterior somente pela luneta de Clov, e mesmo o exterior mantém o mesmo aspecto interno, cadavérico.

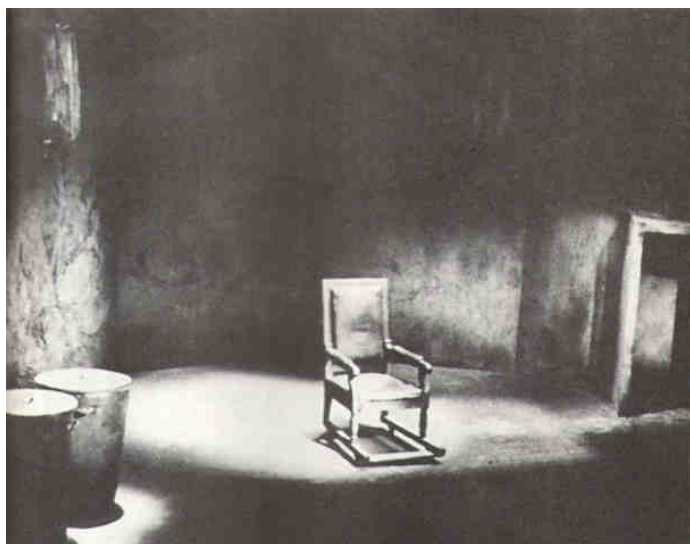


Fig 1. Cenário de Matias para uma nova encenação de *Fim de Partida* dirigida por Roger Blin (Paris, 1968).



Fig 2. *Fim de Partida*, sob direção de Michael Blake, com Magee, McGowran, Sydney Bromley e Elvi Halle (Paris, 1964)

Na peça há ainda a relação de submissão de Clov à Hamm, onde Clov tenta diversas vezes deixar Hamm, mas sua dependência não o deixa sair. “Hamm: Por que você não me mata? Clov: Não sei a combinação da despensa” (BECKETT, 2010, p.45). Clov vive em uma condição de passividade diante da situação, obedecendo à Hamm e permanecendo a seu lado. Nagg e Nell entram pouco nas cenas, com lembranças fragmentárias e Nagg aceita escutar as histórias do filho Hamm por um biscoito. Uma preocupação com um possível rato na cozinha também permeiam uma parte da peça que traz à tona “(...) a vida em suas manifestações mais baixas, paródicas e elementares (uma pulga, um rato, um cachorro de pelúcia de três patas e

sem sexo) (...) uma alegoria da convivência entre o corpo e a mente às portas da morte (...).” (ANDRADE, 2010, p.16).

## 2 Tatiana Blass

Tatiana Blass é uma artista brasileira, contemporânea, nascida em São Paulo em 1979, onde vive e trabalha até o momento. Como muitos outros artistas contemporâneos, caminha por diversas linguagens da arte, como pintura, escultura, instalação, vídeo arte, performance, desenho e gravura. Iniciou sua produção principalmente por pinturas de caráter abstrato que destacavam cores e formas, com cortes e recortes e forte uso da colagem. Apesar de jovem, possui um trabalho expressivo e produção intensa. Ganhou destaque nacional e internacional ao participar da 29ª Bienal de São Paulo em 2010 com a obra *Metade da fala no chão – piano surdo*, onde um piano de calda é “calado” através de cera líquida derramada dentro dele enquanto o músico toca músicas de Chopin. Esta obra foi mais uma de sua série onde cala instrumentos musicais. Entre eles estão também baterias, trombone e trompete. Fruto do Prêmio Pipa, ganhou um ano antes, em 2012 passa três meses em uma residência artística em Londres, lá produz o vídeo *Hard Water* (água dura). Duas atrizes têm suas roupas presas a fios ligados a carretéis instalados nas paredes, e enquanto tentam movimentarem-se, os fios embaralham-se cada vez mais. O diálogo entre as duas atrizes foi pensado por Tatiana Blass. Entre outras de suas características, trabalha com textos próprios, construções de literatura, como gosta de afirmar. Sua produção atual é marcada por maior melancolia, trabalhando muitas vezes com temas fortes, como a morte. Embora um tema espinhoso, é trabalhado com sutileza e poesia pela artista. Suas pinturas ganharam formas menos definidas, que se confundem com o fundo enevado de suas paisagens. Teatro e encenações impossíveis são tratados com leveza, cachorros e aviões convivem no mesmo palco, um carro é “atolado” em concreto na rampa da galeria, e o que parece ser um corpo estendido no chão coberto por um lençol, não passa de uma ilusão. Seu gesto mais forte enquanto artista é justamente criar encenações, de situações, de ilusões, de narrativas, de tempo, de morte.

O uso da cera foi constante na produção da artista por um período de dois a três anos, onde criou personagens próprios, homens que derretiam encostados a placas de metal ou sob a mira de refletores, bem como representações de cachorros nessas situações de ruína. A obra *Fim de Partida* foi sua primeira produção com o material da cera, e que depois se desdobraram. A obra *Sua até sumir. Sua carne* (figuras 3 e 4) exemplifica mais um de seus trabalhos em cera. Desta vez com um cachorro introduzido na cera, cujos ossos vão ficando

cada vez mais aparentes enquanto a exposição acontece e a luz do refletor derrete o animal. A ruína, neste caso, pode ser pensada como um olhar histórico que se cruza, pois os ossos que ali estão pertenceram a um animal que existiu de fato, mas que acabou emprestando sua história contida em seus ossos para a criação de uma obra de arte, de certa forma, permanecendo vivo por mais tempo, mas não escapando novamente de seu destino de ruína.



Fig 3. Tatiana Blass. *Sua até sumir. Sua carne.* 2010. Parafina, ossos e refletor. 150x150x100cm. Fonte: Catálogo Tatiana Blass 2010



Fig 4. Tatiana Blass. *Sua até sumir. Sua carne.* 2010. Parafina, ossos e refletor. 150x150x100cm. Fonte: Catálogo Tatiana Blass 2010

Outras obras de Tatiana Blass evidenciam o ser humano que se dissipa. Na pintura *Paisagem sobre paisagem* (figura 5), há pequenas figuras humanas na imensidão de branco e preto que se forma no quadro. São figuras que vão dissipando-se ao fundo, reconhecendo-se apenas sua silhueta. Tanto as obras em pintura ou escultura desse período destacam o ser humano que desaparece, seja na paisagem, como nas pinturas, ou desaparecendo em si mesmo nas esculturas em cera.



Fig 5. Tatiana Blass. Paisagem sobre paisagem. 2011. Acrílica sobre tela. 80x100cm. Fonte: <http://www.tatianablass.com.br>

### 3 Encenação de *Fim de Partida* por Tatiana Blass

Em *Fim de Partida* (figura 6 e 7) a Tatiana Blass posiciona as personagens feitas de cera em cima de um palco. Hamm, Clov, Nagg e Nell são representados cada um a sua maneira pela artista. Hamm está sentado em uma cadeira de rodas, ao centro, com um véu sobre sua cabeça. Clov está representado junto à escada, esta que utiliza tantas vezes na peça de Beckett. Nagg e Nell estão dentro de seus latões. O cachorro de três patas também está no cenário. Há alguns outros objetos e na parede à direita há uma pintura recente de Tatiana Blass que a preenche.

A artista preocupou-se em colocá-los no palco, ficando clara a representação da peça. Em entrevista concedida em 2013, perguntada sobre sua alusão à peça de Samuel Beckett, a artista responde:

Na verdade a obra *Fim de Partida* não é exatamente uma alusão, eu encaro mesmo como uma encenação da peça. Eu peguei tudo como é a peça, toda descrição dos personagens, todo o figurino, os objetos de cena, tudo como é a peça mesmo, e para mim aquilo foi uma encenação da peça do Beckett.

(BLASS, 2013)

E a respeito de como foi a experiência de realizar uma peça teatral nas artes visuais, Tatiana Blass responde:

Para mim Beckett, Odisseia ou Chopin, são coisas tão estabelecidas na história da cultura que elas são coisas. Como eu me aproprio ao usar uma cadeira eu me aproprio ao usar o Beckett, que já possui uma força e uma presença tão forte que são coisas no mundo. Então é com essa liberdade que eu me apropriei de algo existente. A princípio eu até havia pensado em fazer uma

peça em que os atores derretem com a ação do refletor e, no momento, pensei em eu mesma escrever esse texto, mas depois vi que não faria sentido, porque as pessoas teriam que ler o texto para saber do que se tratava, pois seria algo totalmente novo. E o *Fim de Partida* é algo que se as pessoas não conhecem a peça, conhecem um pouco do universo que é o Beckett. Acredito que a peça casou muito com a ideia inicial, porque é um fim continuado, um fim que nunca termina. Então tem muita relação com essa ação que está sempre em processo, você nunca vê nem o começo, nem o fim, é sempre esse indo embora, mas que nunca chega ao fim, um fim infinito.

(BLASS, 2013)



Fig 6. Tatiana Blass. *Fim de Partida*. 2010. Cera microcristalina, refletores, palco e objetos de cena. 5,00x8,00x4,40m. Fonte: <http://www.tatianablass.com.br>



Fig 7. Tatiana Blass. *Fim de Partida*. 2010. Cera microcristalina, refletores, palco e objetos de cena. 5,00x8,00x4,40m. Fonte: <http://www.tatianablass.com.br>

Apropriando-se da peça de Beckett a artista transforma e transfigura os personagens de carne e osso em personagens de cera. Diferente de Beckett, as personagens de cera de Tatiana Blass encenam a peça muda. O texto é eliminado, ficando apenas a presença de seu índice por meio das personagens. A ruína dos personagens por si só permeia a obra do escritor, mas Tatiana Blass adiciona um dado avassalador de sua ruína, pois os personagens estão derretendo e desfazendo-se enquanto encenam, enquanto a obra acontece. Presos em seus lugares, as personagens de cera desfazem-se do estado sólido ao líquido por meio de refletores instalados no teto. As luzes são paradoxais na peça representada por Tatiana Blass, pois ao mesmo tempo em que iluminam o ambiente e destacam cada personagem, também os leva à sua ruína e destruição da forma.

Ao contrário da encenação teatral tradicional, a peça de Beckett por meio de Tatiana Blass, dura em torno de dois meses, tempo de permanência da exposição no espaço. A artista



afirma que a escultura em cera posta no local expositivo não está pronta. Apenas torna-se obra quando seu derretimento inicia-se. Na figura 7 é possível perceber o derretimento lento que se faz em Nell. A obra suscita um paradoxo de sua existência, que para existir, precisa se desconstruir, pensando sua destruição e construção que se faz lentamente. A obra em cera, de material de fácil modificação, é construída de tal forma que favorece sua própria destruição. Sobre a obra a artista comenta:

Essa obra durou em torno de dois meses, ficou no período da exposição. O museu onde foi realizada ficava aberto algumas horas por dia e a noite o refletor era desligado, então o derretimento começava de novo todos os dias. Esse trabalho foi como uma continuidade de *Fim de Partida*, que tinha a história dos atores que iam derretendo, de criar essa ação continuada.

(BLASS, 2013)

#### **4 Ruína em *Fim de Partida* por Tatiana Blass e Samuel Beckett**

A relação do material usado por Tatiana Blass para encenar a peça de Beckett parte da questão da finitude, do derretimento que acontece lentamente, assim como a existência humana. No fim da vida, as personagens de Beckett estão envoltos em sua sobrevivência, em viver um dia de cada vez. Vão esvaindo lentamente a cada dia como o material da cera utilizado por Tatiana Blass, que derrete lentamente cada personagem enquanto acontece a exposição. O tempo é uma das questões também abordadas por Beckett e que Tatiana Blass utiliza com o uso da cera. O tempo da vida torna-se o tempo da cera. Há uma especificidade no tempo de uma peça encenada de maneira tradicional com atores e o tempo diferenciado da peça encenada pelos personagens de cera. O tempo do derretimento é mais lento do que o tempo da encenação, mas é mais curto do que o tempo da existência do ser humano. O tempo pensado por Beckett ganha uma dimensão especial na representação de cera por Tatiana Blass. A artista afirma que não possui controle sobre como a peça vai acabar, apenas dá o início com a ligação dos refletores, a obra prolonga-se até o fim da exposição, que pode também ser o fim desse jogo, desse ciclo, o fim de partida proposto por Beckett que leva à ruína.

A finitude na peça de Beckett é representada por Tatiana Blass pelo derretimento da cera, por esse esvaecimento, que tanto as personagens de Beckett possuem, como as personagens de cera que derretem. O derretimento aparece como ruína, como desaparecimento da vida. Prolongada por um tempo, a vida mantém sua sobrevivência, mas uma sobrevivência disforme, como a mutilação existente em cada personagem. A deformação presente na descrição das personagens de Beckett e que aparecem ao longo de seu texto, como



as dificuldades de locomoção de Clov e Hamm, a cegueira de Hamm, a mutilação dos corpos de Nagg e Nell, aparecem como metamorfoses do corpo, representadas por essa deformação causada na cera por meio dos refletores. Cada personagem é afetado pelo refletor e acaba por deformar-se e desfigurar-se. O cachorro de três patas, que se assemelha aos personagens humanos, também é representado por Tatiana Blass, e ele é o único que não derrete, é um corpo que permanece mutilado desde o início da peça.

A presença do fracasso nos textos de Beckett agora se faz presente na obra em cera, que fracassa ao tentar manter-se inteira. Mais um paradoxo presente nas obras de Tatiana Blass, com a paralisia e a mobilidade. Personagens quase paralisados movem-se lentamente através de seu derretimento. Ainda sobre a apropriação da peça de Beckett para as artes visuais, a artista comenta:

Não penso tanto sobre o que *Fim de Partida* suscita como discurso, mas o que suscita como ficção, como imagem, como matéria. Os personagens estão mudos, o texto está calcificado no cenário, aparece como um discurso paralisado, esgotado pelo tempo. Um tempo condensado pela cena construída, como se a peça inteira acontecesse de uma só vez ou fosse a sobra de uma ação que já se realizou. Da mesma maneira é um tempo esgarçado, esticado, mais lento do que conseguimos apreender, já que os personagens ocorrerão por semanas.

(BLASS, 2011)

Os momentos da vida que antecedem seu fim pensados por Beckett agora são encenados por Tatiana Blass, que trabalha não só com esse fim continuado, mas com a ruína que leva à morte. Sobre a presença do tema da morte em seus trabalhos a artista afirma:

Mas acho que a história da morte é algo muito presente mesmo, mas no sentido não tanto da morte como algo da morte real mesmo. Acho que tem muita relação também com essa ideia de fim continuado nos trabalhos, que na verdade não é somente uma morte, mas há também. Acredito que os trabalhos com cachorros para mim são os mais violentos nesse sentido. Na verdade eu não tinha muita ideia do que estava fazendo quando eu produzi na Bahia o cachorro preto (Cão cego) pois ele parece muito real. Ficou muito bem feito, e ele está parte derretido e aquilo estava em uma capela, então aquilo realmente tem uma certa repulsão, que eu acho que também é algo em que eu nunca tinha mexido. Penso que há um dado de violência ali, que eu acho que também é um susto, também uma repulsa, que espero que seja reflexiva também. Então, penso que às vezes eu tenho uma certa tendência de domesticar essa violência, deixar ela mais branda em vários trabalhos, e penso ser até algo mais interessante do que a violência tão escancarada.

(BLASS, 2013)

A morte não é nada além daquilo que é inelutável, aquilo que não se pode evitar, a condição de ruína do ser humano. Flávio de Carvalho escrevendo sobre as ruínas do mundo afirma que as pinturas não naturalistas ou expressionistas “possuem as recordações mais dramáticas da alma do homem, estão completamente fora da ideia cronológica de tempo, as formas pintadas são animistas.” (CARVALHO, 2005, p. 44). Pode-se pensar as figuras em

ruínas de Tatiana Blass talvez como essas formas, possuem os resíduos do mundo, pois representam o ser humano que um dia existiu mas encontra-se em ruínas.

O resíduo possui uma força, uma animosidade, e através dele podemos sentir e compreender mais sobre uma época. “A aparência estática do resíduo pertence mais à ideia cronológica de tempo, do tempo em que percebemos, pois que o resíduo tem uma animosidade frequentemente muito mais forte e muito mais movimentada que a do observador.” (CARVALHO, 2005, p.48). Os resíduos de *Fim de Partida* podem ser os resíduos e a ruína de diversos seres humanos que um dia encontraram-se próximos da morte. Em um primeiro tempo o que aparece são as ruínas do mundo do tempo de Beckett e mais tarde encontram-se as ruínas do mundo atual, representado por Tatiana Blass. São dois tempos que se cruzam, as ruínas de Beckett com as ruínas da artista, o tempo e as ruínas do mundo em movimento, com a animosidade de seus tempos diversos. “(...) porque o resíduo não recebeu o contato de um só homem isolado a um dado momento, mas sim o de uma história.” (CARVALHO, 2005, p.47). A morte permeia o ser humano desde sua existência, é intrínseca a ele, assim como aos personagens de Beckett, que vivem o cotidiano repetitivo e melancólico à espera de seu fim e aos personagens representados por Tatiana Blass, que para existirem necessitam ser destruídos lentamente. Dar a ver a esse aspecto da morte é perceber que à existência da humanidade sempre permeou seu fim. E o fim pensado por Beckett é carregado de outros fins, não somente a possível reflexão sobre sua própria morte, mas o fim de Hamm, Clov, Nagg e Nell, contém o fim de toda humanidade.

BUCK-MORSS (2002) lembra que “Os poetas alegóricos liam um significado similar no emblema da caveira humana, o resíduo esquelético de olhar vazio que alguma vez tinha sido o resto humano” (BUCK-MORSS, 2002, p.202). A caveira então exprime a história biográfica do ser humano. Pode-se pensar que a cera derretida dá a ver e revela também as personagens e suas tragédias. Clov derrete em sua escada, Hamm em sua cadeira, Nagg e Nell em seus latões. Cada qual em seus lugares dão a ver a composição construída por Beckett cada um com suas limitações. A autora ainda lembra que a caveira pode ser lida como “o espírito humano petrificado; mas é também natureza em decadência, transformação do cadáver em esqueleto que será pó.” (BUCK-MORSS, 2002, p.202). No caso das personagens em cera não há esqueleto ou caveira que permaneça, mas a cera, que se transforma facilmente, também se torna vestígio daquilo que em algum momento foram as personagens. BUCK-MORSS (2002) lembra que as caveiras para os alegoristas barrocos eram vistas como imagens da vaidade, da futilidade, daquilo que era transitório na existência humana. A história

era vista como um processo de declínio, como na peça de Beckett, onde as personagens estão à espera de seu fim e onde as figuras de Tatiana Blass encontram-se em ruína.

A autora afirma que “os poetas barrocos viam na natureza transitória uma alegoria da história humana, em que esta aparecia não como um plano divino ou como cadeia de acontecimentos em uma ‘história da salvação’, mas como a morte, ruína, catástrofe (...)” (BUCK-MORSS, 2002, p.216). Pode-se pensar o texto de Beckett e a obra de Tatiana Blass como essa natureza transitória, que é vista como alegoria humana, que lembram como o fim está próximo, no caso da obra em cera, mostra do que é feita, a cera derretendo lentamente trás a tona a alegoria humana, o ciclo de vida do qual todo ser humano vive.

Benjamin morre em seu sonho, e por algum instante paralisa-se diante da ideia da morte: “Fechado para Reforma: Em sonho eu me tirava a vida com uma arma de fogo. Quando o tiro saiu, eu não acordei, mas me vi por algum tempo deitado como cadáver. Só então acordei” (BENJAMIN, 1987, p.56). A paralisia da cera em *Fim de Partida* é removida pela luz. Não foi apenas um sonho, mas a ruína está acontecendo. A ruína é um resto daquilo que já existiu. Mas possui diversas camadas de histórias, que são também futuro. As obras de Tatiana Blass estão não apenas em ruínas, mas em transformação, em metamorfose.

## Referências

- ANDRADE, Fábio de Souza. Matando o tempo: o impasse e a espera. In: BECKETT, Samuel. *Fim de Partida*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BARRO, David (org.). *Tatiana Blass*. Santiago de Compostela: Dardo, 2008.
- BECKETT, Samuel. *Fim de Partida*. Tradução e apresentação Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única* – obras escolhidas, volume 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BLASS, Tatiana. *Tatiana Blass*: entrevista [dez. 2013]. Entrevistadora: Viviane Baschirotto. São Paulo, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Tatiana Blass e a poética do vestígio de narrativas em Joinville.
- BLASS, Tatiana. *Tatiana Blass*: entrevista [2011]. Entrevistador: Paulo Venancio Filho. Rio de Janeiro, 2011. Entrevista concedida para a exposição Fim de Partida no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar* – Walter Benjamin e o projeto das arcadas ou passagens. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte/Chapecó: Ed. UFMG/Argos, 2002.
- CARVALHO, Flávio. *Ossos do mundo*. São Paulo: Antiqua, 2005.